

**LITERATURA BRASILEIRA**  
**Textos literários em meio eletrônico**  
**Obras de Bernardo Guimarães**

Texto-fonte:

Vida e obra do poeta e romancista brasileiro Bernardo Guimarães

**Canto da Solidão**

Prefácio da 2ª edição de Cantos da Solidão

Prefácio dos editores da 1ª edição de Cantos da Solidão

Prelúdio

Amor ideal

Hino à aurora

Invocação

Primeiro sonho de amor

À uma estrela

O Ermo

O Devanear de um cético

Desalento

No meu aniversário

Visita à sepultura de meu irmão

À sepultura de um escravo

O destino do vate

Esperança

**Prefácio da 2ª edição de Cantos da Solidão**

Advertência da segunda edição

Grande número das poesias que agora ofereço ao público já foram publicadas em S. Paulo em 1852 sob o título de Cantos da Solidão: essa edição porém, além de muito escassa quanto ao número de exemplares, foi por demais incorreta; e como o público parece-me ter dado algum apreço a essas produções de minha primeira mocidade, isso me anima a dar-lhe esta

segunda edição muito mais correta, e seguida de grande número de poesias diversas.

Cumpr-me aqui dizer algumas palavras a respeito de algumas alterações e adições que fiz nos Cantos da solidão.

Quando, ao terminar meus estudos acadêmicos, me dispunha a retirar-me de S. Paulo, grande número de amigos e colegas mostraram desejos de possuir impressas aquelas poesias; existiam elas pela maior parte em seu primeiro esboço tais quais me tinham saído da pena no primeiro jacto, e os manuscritos se achavam em deplorável desordem; o tempo de que dispunha era muito limitado para eu poder coligi-las, e limá-las convenientemente; com a tal ou qual ordem e correção que a pressa me permitiu dar-lhes, deixei-as em S. Paulo em poder daqueles amigos, a fim de dá-las ao prelo; deixei-as mais como um fraco penhor de amizade e gratidão, como um eco de meu coração, que eu queria deixar ressoando entre aqueles bons amigos, de muitos dos quais eu me ia separar talvez para sempre, do que como um título com que me apresentasse ao público para conquistar o glorioso nome de poeta.

A vista disso deve-se relevar o muito que há de desleixo e e incorreção nessas composições; desleixo e incorreção que procurei eliminar o mais que me foi possível na presente edição; muitas alterações e adições fiz em algumas poesias; e mesmo uma ou outra refundi completamente; outras porém ficaram assim mesmo mal acabadas, com o pensamento incompleto, a frase mal polida, porque não foi mais possível evocar de novo inspirações há tanto tempo adormecidas. Alterei também um tanto a ordem em que vinham na primeira edição, a fim de engrupar debaixo do título de - Inspirações da tarde - certo número de poesias em que o quadro nelas debuxado se emoldura nos encantadores relevos dessa hora de remanso que serve de transição da luz e bulício do dia para o silencio e trevas da noite.

Vão portanto estes versos nesta segunda edição corretos de muitos descuidos de metrificacão e de estilo, e limpos de inúmeros e graves erros tipográficos que desfiguravam a primeira.

Quanto ao valor literário que porventura possam ter estes versos, o público e a critica o decidirão; lembrem-se somente aqueles que lançarem os olhos sobre estas páginas, que são elas produto de uma musa que tem constantemente sofrido o embate de todo o gênero de contrariedades, e que conhece por experiência quanto é verdadeiro o que diz Chateaubriand: -  
C'est un sophisme digne de la dureté de notre siècle, d'avoir avancé que les bons ouvrages se font dans le malheyr: il n'est pas vrai qu'on puisse bien écrire quand on souffre. Les hommes qui se consacrent au culte des muses se laissent plus vite submerger à la douleur que les esprits vulgaires.

Rio de Janeiro, 14 de abril de 1858

O AUTOR

## **Prefácio dos editores da 1ª edição de Cantos da Solidão**

### **AO LEITOR**

Temos o prazer de oferecer ao público, e particularmente à mocidade acadêmica, as produções poéticas de um de nossos irmãos de letras, que ao separar-se de nós legou-nos esses cantos melodiosos, como se fosse um adeus de despedida, e uma última lembrança de seu viver de outrora; - é o testamento do coração ao terminar-se a vida descuidosa de mancebo; - é o derradeiro olhar do viajante ao deixar as praias deleitosas de um país encantado, para expor-se aos azares de uma longa peregrinação por mares tempestuosos; - é a baliza que servirá de assinalar-lhe essa quadra risonha da existência, que, ainda depois de volvida, inspira~nos recordações tão deliciosas, como os aromas da pátria que auras propícias levassem aos ermos do exilado.

Para nós os - Cantos da solidão - significam alguma coisa mais: - a naturalidade com que são escritos e esse perfume de tristeza e sentimentalismo que eles exalam bem provam não serem essas poesias uma criação puramente artística; - elas são a linguagem harmoniosa de uma alma poética e inspirada, que se expande

### **Prelúdio**

Neste alaúde, que a saudade afina,  
Apraz-me às vêzes descantar lembranças  
De um tempo mais ditoso;

De um tempo em que entre sonhos de ventura  
Minha alma repousava adormecida  
Nos braços da esperança.

Eu amo essas lembranças, como o cisne  
Ama seu lago azul, ou como a pomba  
Do bosque as sombras ama.

Eu amo essas lembranças; deixam n'alma  
Um quê de vago e triste, que mitiga  
Da vida os amargores.

Assim de um belo dia, que esvaiu-se,  
Longo tempo nas margens do ocidente  
Repousa a luz saudosa.

Eu amo essas lembranças; são grinaldas  
Que o prazer desfolhou, murchas relíquias  
De esplêndido festim;

Tristes flores sem viço! - mas um resto  
Inda conservam do suave aroma

Que outrora enfeitiçou-nos.

Quando o presente corre árido e triste,  
E no céu do porvir pairam sinistras  
As nuvens da incerteza,

Só no passado doce abrigo achamos  
E nos apraz fitar saudosos olhos  
Na senda decorrida;

Assim de novo um pouco se respira  
Uma aura das venturas já fruídas,  
Assim revive ainda

O coração que angústias já murcharam,  
Bem como a flor ceifada em vasos d'água  
Revive alguns instantes.

### **Amor ideal**

Há uma estrela no céu  
Que ninguém vê, senão eu

(Garrett)

Quem és? - d'onde vens tu?  
Sonho do céu, visão misteriosa,  
Tu, que assim me rodeias de perfumes  
De amor e d'harmonia?

Não és raio d'esp'rança  
Enviado por Deus, ditamno puro  
Por mãos ocultas de benigno gênio  
No peito meu vertido?

Não és anjo celeste,  
Que junto a mim, no adejo harmonioso  
Passa, deixando-me a alma adormecida  
Num êxtase de amor?

Ó tu, quem quer que sejas, anjo ou fada,  
Mulher, sonho ou visão,  
Inefável beleza, sê bem-vinda  
Em minha solidão!

Vem, qual raio de luz dourando as trevas  
De um cárcere sombrio,  
Verter doce esperança neste peito  
Em minha solidão!

Nosso amor é tão puro! - antes parece  
A nota aérea e vaga  
De ignota melodia, êxtase doce,

Perfume que embriaga!...

Amo-te como se ama o albor da aurora,  
O claro azul do céu,  
O perfume da flor, a luz da estrela,  
Da noite o escuro véu.

Com desvelo alimento a minha chama  
Do peito no sacrário,  
Como sagrada lâmpada, que brilha  
Dentro de um santuário.

Sim; a tua existencia é um mistério  
A mim só revelado;  
Um segredo de amor, que trarei sempre  
Em meu seio guardado!

Ninguém te vê; - dos homens te separa  
Um véu misterioso,  
Em que modesta e tímida te escondes  
Do mundo curioso.

Mas eu, no meu cismar, eu vejo sempre  
A tua bela imagem;  
Ouço-te a voz trazida entre perfumes  
Por suspirosa aragem.

Sinto a fronte incendiada bafejar-me  
Teu hálito amoroso,  
E do cândido seio que me abrasa  
O arfar voluptuoso.

Vejo-te as formas do donoso corpo  
Em vestes vaporosas,  
E o belo riso, e a luz lânguida e meiga  
Das pálpebras formosas!

Vejo-te sempre, mas ante mim passas  
Qual sombra fugitiva,  
Que me sorriu num sonho, e ante meus olhos  
Desliza sempre esquiva!

Vejo-te sempre, ó tu, por quem minh'alma  
De amores se consome;  
Mas quem tu sejas, qual a pátria tua,  
Não sei, não sei teu nome!

Ninguém te viu sobre a terra,  
És filha dos sonhos meus:  
Mas talvez, talvez que um dia  
Te eu vá encontrar nos céus.

Tu não és filha dos homens,  
Ó minha celeste fada,

D'argila, d'onde nascemos,  
Não és decerto gerada.

Tu és da divina essência  
Uma pura emanção,  
Ou um eflúvio do elísio  
Vertido em meu coração.

Tu és dos cantos do empíreo  
Uma nota sonora,  
Que nas fibras de minh'alma  
Ecoa melodiosa;

Ou luz de benigna estrela  
Que doura-me a triste vida,  
Ou sombra de anjo celeste  
Em minha alma refletida.

Enquanto vago na terra  
Gomo mísero proscrito,  
E o espírito não voa  
Para as margens do infinito,

Tu apenas me apareces  
Como um sonho vaporoso,  
Ou qual perfume que inspira  
Um cismar vago e saudoso;

Mas quando minh'alma solta  
Desta prisão odiosa  
Vaguear isenta e livre  
Pela esfera luminosa,

Irei voando ansioso  
Por esse espaço sem fim,  
Até pousar em teus braços,  
Meu formoso Querubim.

### **Hino à aurora**

E já no campo azul do firmamento  
A noite extingue os círios palejantes,  
E em silêncio arrastando a fímbria escura  
Do tenebroso manto  
Transpõe do ocaso os montes derradeiros.  
A terra, de entre as sombras ressurgindo  
Do mole sono lânguida desperta,  
E qual noiva gentil, que o esposo aguarda,  
De galas se adereça.

Rósea filha do sol, eu te saúdo!  
Formosa virgem de cabelos d'ouro,  
Que prazenteira os passos antecedes  
Do rei do firmamento,

Em seus caminhos flores despargindo!  
Salve, aurora! - quão donosa surges  
Nos azulados topos do oriente  
Desfraldando o teu manto aurirrosado!  
Qual cândida princesa  
Que em desalinho lânguida se erguera  
Do brando leito, em que sonhou venturas,  
Tu lá no etéreo trono vaporoso  
Entre cantos e aromas festejada,  
Sorrindo escutas os melífluos quebros  
Das mil canções com que saúda a terra  
O teu raiar sereno.

Também tu choras, pois em minha fronte  
Sinto teu pranto, e o vejo em gotas límpidas  
A cintilar na tremula folhagem:  
Assim no rosto da formosa virgem  
- Efeito às vezes de amoroso enleio -  
Brilha através das lágrimas o riso.

Bendiz o viajor extraviado  
Tua luz benigna que a vereda aclara,  
E mostra ao longe fumegando os tectos  
De albergue hospitaleiro.  
Pobre colono alegre te saúda,  
Por ver em torno do singelo colmo  
Sorrir-se vicejante a natureza,  
Manso rebanho retouçar contente,  
Crescer a messe, as flores desbrocharem;  
E unindo a voz aos cânticos da terra,  
Aos céus envia sua humilde prece.  
E o desditoso, que entre angústias vela  
No inquieto leito sôfrego volvendo-se,  
Espia ansioso o teu fulgor primeiro,  
Que lhe derrama nas feridas d'alma  
Celeste refrigério.

A ave canora para ti reserva  
De seu cantar as mais suaves notas;  
E a flor, que expande o cálix orvalhado  
As estremes primícias te consagra  
De seu brando perfume...  
Vem, casta virgem, vem com teu sorriso,  
Teus perfumes, teu hálito amoroso,  
Esta cuidosa fronte bafejar-me;  
Orvalho e fresquidão piedosa verte  
Nos ardentes delírios de minh'alma,  
E desvanece estas visões sombrias,  
Funestos sonhos da penada noite!  
Vem, ó formosa... Mas que é feito dela?..  
O sol já mostra na brilhante esfera  
O disco ardente - e a linda moça etérea  
Que inda há pouco entre flores reclinada  
Sorria-se amorosa no horizonte,

Enquanto a saíldava com meus hinos,  
- Imagem do prazer, que breve dura, -  
Se esvaeceu nos ares.....  
Adeus, esquiva ninfa,  
Fugitiva ilusão, aérea fada!  
Adeus também, canções enamoradas,  
Adeus, rosas de amor, adeus, sorrisos.....

## Invocação

Ó tu, que ora nos tergos da montanha  
Nas asas do Aquilão passas rugindo,  
E pelos céus entre bulcãoe sombrios  
Da tempestade o plúmbeo carro guias,  
Ora suspiras na mudez das sombras  
Manso agitando as invisíveis plumas,  
E ora reclinado em nuvem rósea,  
Que a brisa embala no ouro do horizonte,  
Expandes no éter vagas harmonias,  
Voz do deserto, espírito melódico  
Que as cordas vibras dessa lira imensa,  
Onde ressoam místicos hosanas,  
Que inteira a criação a Deus exalça;  
Salve, ó anjo! – minha alma te saúda,  
Minha alma que, a teu sopro despertada,  
Murmura, qual vergel harmonioso  
Pelas brisas celestes embalado.....

Salve, ó gênio dos desertos,  
Grande voz da solidão,  
Salve, ó tu, que aos céus exalças  
O hino da criação!

Sobre nuvem de perfumes  
Te deslizas sonoro,  
E o rumor de tuas asas  
É hino melodioso.

Que celeste querubim  
Te deu essa harpa sublime,  
Que em variados acentos  
As dúlias dos céus exprime?

Harpa imensa de mil cordas  
Donde em caudal, pura enchente,  
Estão suaves harmonias  
Transbordando eternamente?!

De uma corda a prece humilde  
Como um perfume se exala  
Entoando o sacro hosana,  
Que do Eterno ao trono se ala;

Outra como que pranteia



Com voz fúnebre e dorida  
O fatal poder da morte  
E as amarguras da vida;

Nesta brando amor suspira,  
E lamenta-se a saudade;  
Nest'outra ruidosa e férrea  
Troa a voz da tempestade.

Carpe as mágoas do infortúnio  
De uma a voz triste e chorosa,  
E só geme sob o manto  
Da noite silenciosa.

Outra o hino dos prazeres  
Entoa lêda e sonora,  
E com cânticos festivos  
Saúda nos céus a aurora.

Salve, ó gênio dos desertos,  
Grande voz da solidão,  
Salve, ó tu, que aos céus exalças  
O hino da criação!

Sem ti o mundo jazera  
Inda em lúgubre tristeza,  
E o horror do caos reinara  
Sobre toda a natureza;

Pela face do universo  
Funérea paz se estendera,  
E o mundo em mudez perene  
Como um túmulo jazera;

Sobre ele então pousaria  
Silêncio torvo e sombrio,  
Como um sudário cobrindo  
Um cadáver queto e frio.

De que servira essa luz  
Que abrilhanta o azul dos céus,  
E essas cores tão mimosas  
Que tingem da aurora os véus?

Essa risonha verdura,  
esses bosques, rios, montes,  
Campinas, flores, perfumes,  
Sombrias grutas e fontes?

De que servira essa gala,  
Que te enfeita, ó natureza,  
Se adormecida jazeras  
Em estúpida tristeza?

Se não houvesse uma voz,  
Que erguesse um hino de amor,  
Uma voz que a Deus dissesse  
– Eu vos bendigo, ó Senhor!

Do firmamento nos cerúleos páramos  
Sobre o dorso das nuvens balouçado,  
Os olhos arroubados espraçando  
Nos longes vaporosos  
Dos bosques, das remotas serranias,  
E dos mares na túrbida planície,  
Cheio de amor contemplas  
De Deus a obra tão formosa e grande,  
E em melódico adejo então pairando  
À face dos desertos,  
De caudal harmonia as fontes abres;  
Como na lira que pendente oscila  
No ramo do arvoredado,  
Roçadas pelas auras do deserto,  
As cordas todas sussurrando ecoam,  
Assim ao sopro teu, gênio canoro,  
De júbilo palpita a natureza,  
E as vozes mil desprende  
De seus eternos, místicos cantares:  
E dos horrendos brados do oceano,  
Do rouco ribombar das cachoeiras,  
Do rugir das florestas seculares,  
Do quérulo murmúrio dos ribeiros,  
Do frêmito amoroso da folhagem,  
Do canto da ave, do gemer da fonte,  
Dos sons, rumores, maviosas queixas,  
Que povoam as sombras namoradas,  
Um hino teces majestoso, imenso,  
Que na amplidão do espaço murmurando  
Vai unir-se aos concertos inefáveis  
Que na límpida esfera vão guiando  
O giro infindo, e místicas coréias  
Dos rutilantes orbes;  
Flor, que se enlaça na eternal grinalda  
Be celeste harmonia, que incessante  
Se expande aos pés do Eterno!...

Tu és do mundo  
Alma canora,  
E a voz sonora,  
Da solidão;

Tu harmonizas  
O vasto hino  
Almo e divino  
Da criação;

És o rugido  
D'alva cascata

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

